

O CONCEITO DA TURÃH E A PRODUÇÃO INTELLECTUAL DA IMIGRAÇÃO ÁRABE NO BRASIL

THE CONCEPT OF TURÃH AND THE INTELLECTUAL PRODUCTION OF ARABIC IMMIGRATION IN BRAZIL

Guilherme Curi¹

Endereço Profissional: Av. Roraima nº 1000
Cidade Universitária
Bairro Camobi
Santa Maria - RS
CEP: 97105-900
+55 (55) 3220-8000
E-mail: curi.guilherme@gmail.com

Resumo: Este artigo analisa a produção intelectual árabe no Brasil ao longo do século XX e a influência do conceito de turãh na trajetória destes intelectuais. Em um primeiro momento, analisamos as formas pelas quais os primeiros imigrantes árabes transformaram e representaram discursivamente a experiência migratória. Em seguida, abordamos a produção intelectual da segunda geração de imigrantes árabes no Brasil através de seis autores escolhidos.

Palavras-chave: Imigração árabe; história da mídia, literatura; diáspora sírio-libanesa.

Abstract: This article analyzes the Arab intellectual production in Brazil throughout the 20th century and the influence of the concept of turãh on the trajectory of these intellectuals. At first, we analyze the ways in which the first Arab immigrants transformed and represented the migratory experience discursively. Then, we approach the intellectual production of the second generation of Arab immigrants in Brazil through six chosen authors.

Keyword: Arabic immigration; media history, literature; Syrian-Lebanese diaspora.

¹Professor colaborador e pós-doutorando do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM/UFSM). Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Sociologia pela University College Dublin.

Ao atentarmos para a trajetória da literatura moderna árabe contemporânea e para o Renascimento Árabe moderno, a *Al-Nahda*, observamos, com surpresa e fascínio, que um de seus momentos mais decisivos desdobra-se na América Latina, mais precisamente no Brasil na primeira metade do século XX. Logo, além de pensar a imigração desses indivíduos somente de forma funcional e prática - força de trabalho/mão-de-obra/aptidão para o comércio - faz-se necessário compreender que boa parte dos árabes, que aqui aportavam, traziam consigo também a ânsia por mudanças políticas e sociais tanto em sua terra natal como no país de chegada.

Muitos destes eram instruídos, pertencentes até mesmo a certa elite política e intelectual do mundo árabe, com ampla capacidade para transformar em formas discursivas seus anseios ideológicos, além de continuar a produção intelectual que já acontecia principalmente no Levante e no Egito. Nesse contexto, observamos que o Brasil passa a ser percebido como a terra ideal para uma nova forma de vida na qual a imigração desempenha papel fundamental e, até mesmo, imprescindível para a sobrevivência e desenvolvimento da *Al-Nahda*.

No entanto, ao chegarem aqui, os árabes depararam-se com um universo cultural no qual já circulavam algumas representações sobre quem eles eram e qual seria o lugar possível na sociedade brasileira, repleto de estereótipos e estigmas. Logo, através da mídia impressa e da literatura, esses imigrantes encontraram um meio de desconstruir tais imagens estigmatizadas e percepções muitas vezes equivocadas sobre sua própria cultura - desconstrução esta que se faz presente até hoje, além, é claro, de continuarem produzindo intelectualmente, um prolongamento do Renascimento árabe que tinha como objetivo não somente discutir as questões políticas, sociais e culturais dos países de origem, mas também promover um novo projeto de civilização, a reconstrução da identidade árabe que, em última instância, contribui também para formação da própria identidade brasileira contemporânea.

Isto posto, objetivo maior deste artigo é descrever e analisar as maneiras pelas quais os imigrantes árabes que chegaram ao Brasil no final do século XIX, a grande maioria proveniente da Grande Síria, onde hoje estão localizados Síria, Líbano, Jordânia, Palestina e Israel -, que viviam sob o governo do Império Otomano, e influenciados diretamente pelos ideais do Renascimento da arte e da cultura árabe, a *Al Nahda*, transformaram e representaram discursivamente a experiência migratória na diáspora. Observaremos também o fato de formarem novas redes de comunicações transnacionais que tratavam de questões de cunho político em seus países de origem e de servirem como veículos de socialização nos novos espaços urbanos.

Este artigo está subdividido em duas partes, além da conclusão, que dialogam transversalmente entre si. A primeira é dedicada brevemente ao período de surgimento e expansão da imprensa e literatura árabe no Brasil. Já a segunda aborda a produção intelectual da segunda geração de imigrantes sírio-libaneses que já haviam se instalado no país, a relação com o conceito de *Turãh* ao longo do século XX, e que aqui construíram suas obras. Para este artigo, escolhemos seis autores que servem como base para investigação e análise proposta, entre eles, estão: Jamil Almansur Haddad, Musa Kureim, Antun Sa'adih, Emil Farhat e George Bourdouka e Milton Hatoum.

Ainda, é necessário ressaltar que a escolha pela hifenização árabe-brasileiro, que transcorre por todo o trabalho, é proposital e consciente justamente pois a pesquisa em questão busca trazer à luz a relação, por vezes conflituosa, entre etnicidade, identidade e integração social. O hífen simboliza o encontro, que ultrapassa fronteiras geopolíticas pré-estabelecidas. Representa também estratégias discursivas de comunidades migrantes específicas na sociedade brasileira, utilizadas por tais indivíduos nas mais diversas e criativas tentativas de se estabelecerem e pertencerem ao Brasil, onde, há mais de um século, estão espalhados por todo o país, nos mais diferentes estratos sociais e culturais.

Como ponto de central deste artigo, o intelectual marroquino Mohammed Abed al-Jabri (1997), na obra “Introdução à crítica da razão árabe”, aponta e discute preceitos filosóficos fundamentais para compreendermos a produção literária árabe moderna na diáspora, como o conceito do *Turãh*. Assim, Mahfoud e Geoffroy, na apresentação do livro de al-Jabri, afirmam que o autor deixa claro que todo o pensamento árabe contemporâneo estava exposto à autoridade dos pais fundadores e “ao mecanismo da analogia do conhecido ao desconhecido, ao não-realismo e a um modo de funcionamento em que o conhecimento do objeto a conhecer está subordinado à possibilidade de se projetarem figuras ideológicas sobre ele”. Em outras palavras, a *Nahda* e todo o discurso do renascimento árabe no *mahjar* estariam, portanto, expostos ao contato constante com a “eficiência de hábitos e resíduos que moldam a razão árabe desde a época do declínio da cultura árabe-islâmica”.

Assim, a *Turãh* pode ser traduzida como tradição mas, de acordo com os autores, nas línguas europeias e no mundo ocidental seríamos incapazes de expressar integralmente o seu sentido.

Se nem a palavra ‘herança’, nem a palavra ‘patrimônio’, nem mesmo a palavra ‘tradução’, ainda que entendida no sentido forte de ‘herança espiritual’, são capazes de traduzir a carga efetiva e o conceito ideológico veiculados pela noção de *turãth* no pensamento árabe moderno, é porque o pensamento ocidental conseguiu realizar uma *superação* que lhe permite relegar o seu passado a um lugar em que ele pode ser o seu espectador-

agente, ao passo que, na consciência árabe, o *turāth* não é apenas uma coleção de rastros do passado, mas antes um *todo* cultural que compreende ‘uma fé, uma Lei, uma língua, uma literatura, uma razão, uma mentalidade, um apego ao passado, uma projeção para o futuro etc’. O *turāth* não é a herança de um pai morto para o filho, mas sim um pai sempre presente, vivo no filho².

Isto posto, tendo em mente o significado inicial do *turāth*, salientamos que estas discussões serão retomadas ao longo deste artigo. Partimos então para a abordagem histórica e analítica, que tem como objetivo inicial descrever e apontar as principais características do percurso intelectual realizado pelos primeiros imigrantes árabes.

1. A produção intelectual árabe no Brasil na primeira metade do séc. XX

Nas primeiras décadas da imigração árabe no Brasil, principalmente no começo do século XX, a empreitada discursiva destes imigrantes é caracterizada por uma expressiva quantidade de materiais impressos encontradas neste período. Os números diferem de acordo com cada pesquisador.

Para Jorge Sáfady, um dos pioneiros a estudar o tema no Brasil, em torno 160 títulos de jornais, livros, revistas, suplementos comemorativos e boletins de notícias foram criados até a primeira metade do século XX no país. Já segundo Zeghidour este número é bem maior:

O movimento de imprensa iria estender-se a todo território brasileiro, constituindo um dos períodos mais férteis e mais ricos de toda a história da imprensa árabe (...). Ao todo, surgiram, de 1890 à 1940, cerca de 394 jornais, revistas e periódicos árabes (...) A imprensa árabe no Brasil era, à exceção de certos boletins ‘paroquiais’, laica e fortemente comprometida com a libertação dos países de origem³

Portanto, o debate político, social e cultural que acompanhava as polêmicas sobre a natureza nacional e civilizacional das regiões do Oriente Médio tinha como arena a imprensa árabe que se desenvolveu em território brasileiro. Essas publicações circulavam por todo continente americano e Oriente Médio, que justifica o fato da coleção “mais completa de

² MAHFOUD E GEOFFROY, in ABED AL-JABRI, Mohamed. *Introdução à crítica da razão árabe*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

³ ZEGHIDOUR, S. *A poesia árabe moderna e o Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1982, p.56.

periódicos árabes, publicados no Brasil e na Argentina, estar na Biblioteca Nacional al-Assad, em Damasco, na Síria”.⁴

A cidade de São Paulo, reconhecida pelo alto número de migrantes, assim exposto no capítulo anterior, assistiu à fundação de quase 100 publicações árabe-brasileiras. No Rio de Janeiro foram contabilizados 60, alguns destes disponíveis no acervo da Biblioteca Nacional. Estima-se que mais de 300 jornalistas tenham trabalhado na construção desses veículos, os quais, muitos deles também exerciam outros tipos de profissões liberais.

O primeiro jornal árabe no Brasil, que durou apenas alguns meses, foi publicado em 1895, na cidade de Campinas- SP, sob o título de *Al-Faihá*, que, traduzindo, significa “A Perfumada”, apelido dado às cidades de Damasco e Trípoli, na atual Síria). Um ano após, em 1896, nas cidades de Santos-SP e Rio de Janeiro-RJ, surgem mais publicações. Ainda, o primeiro jornal árabe-carioca foi o *Al-Rabiq* (“O Observador”), publicado neste mesmo ano, fundado por intelectuais formados na Universidade Americana de Beirute⁵.

Em 1900, segundo Truzzi⁶, na capital paulista, surgiu um grupo literário denominado Ruwaq Al Ma’aria, fundado pelo jovem libanês Naum Labaki,, que mais tarde retornaria ao Líbano para exercer funções parlamentares. Um ano depois, em 1901, já existiam cinco jornais e em 1915 contabilizam-se 18 periódicos. Muitos destes veículos utilizavam a titulação “*Al Brasil*”, numa clara demonstração de negociação identitária destes imigrantes com o objetivo de integrarem-se ao novo território, ou seja, serem aceitos e percebidos como integrantes desta nova sociedade, mesmo enfrentando percalços e limites estabelecidos por esta mesma sociedade local.

Neste sentido, ao pesquisarmos os acervos da Biblioteca Nacional nos deparamos com um dos primeiros periódicos bilíngues (árabe e português) publicados em território nacional, sob o título de *Al Ashmay*. Na primeira edição, datada de 1899, há um artigo em português, sem título, na terceira página, no qual podemos observar a explícita vontade dos recém-chegados de serem aceitos, incluídos e, acima de tudo, percebidos como uma nova comunidade aberta ao diálogo. Percebe-se assim um explícito esforço discursivo de ressignificação da identidade cultural e também de quebra de estereótipos e estigmas ao descrever o imigrante árabe não como alguém fora do contexto, que pode causar problemas e somente trabalhar, mas sim como indivíduo social capaz de produzir intelectualmente.

⁴ LOGROÑO-NARBONA, 2007, 23, apud PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*. Rio de Janeiro: Cidade Viva: Instituto Cultural Cidade Viva, 2010, p. 98.

⁵ SAFADY, Jorge. *A Imigração Árabe no Brasil*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 1972, p.28.

⁶ TRUZZI, Oswaldo. *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*. Ed. Unesp, 2008.

Ainda, é válido ressaltar, mais uma vez, assim como nos lembra Pinto⁷, que a maioria das representações sobre os árabes que estavam presentes na sociedade brasileira naquela época derivavam do orientalismo europeu, principalmente do orientalismo português, uma das referências utilizadas pelos intelectuais brasileiros para pensar as populações do Oriente Médio.

Esta representação oscilava entre a caricaturização dos árabes como um povo indolente, irracional, inculto, e aquelas que os colocavam como uma das matrizes culturais da nação portuguesa, de capacidade intelectual e “civilizada”. Ressaltasse assim que o sentimento de serem diferentes e, mesmo assim, semelhantes era particularmente visível e explicitado entre os árabes que aqui chegavam, que tinham mais a ganhar abraçando tanto uma nacionalidade brasileira, tal como imaginada, quanto suas novas etnias pós-migratórias e hifenizadas. Assim como nos lembra Lesser, essas identidades eram múltiplas e muitas vezes contraditórias.

Isto posto, no decorrer das décadas, São Paulo consolida-se definitivamente como principal centro de letras árabes no país. Fato que acontecia paralelamente ao desenvolvimento da imprensa árabe no Rio de Janeiro, em menor escala, quando cerca de 50 jornais e revistas árabes foram publicados entre os anos de 1896 e 1950. Na virada do século XX foram criados no Rio de Janeiro os jornais *Al-Saub* (“A Razão”), que circulou de 1900 à 1920 e o *Al-ADl* (A Justiça), entre 1901 e 1940), este último com algumas edições disponíveis na Biblioteca Nacional.

A significativa quantidade de publicações produzidas pela comunidade árabe no Brasil, na primeira metade do século XX, pode ser constatada no expressivo número de periódicos encontrados no acervo da Biblioteca Nacional. Ao todo, estão disponíveis para consulta, 17 periódicos, de diferentes vertentes e cidades, com especial atenção para dois jornais publicados na região norte do país, *Abu-nuas: órgão crítico árabe* e *Al- Amazon*, que demonstram assim a amplitude e a proliferação da imprensa sírio-libanesa em todo o país. Sobre este ponto, salienta-se um fator-chave para compreender esta difusão espacial: a figura do *Ahl al Kacha*, nome árabe que designa o grupo conhecido como *povo da caixa* ou o popular *caixeiro-viajante*, mascate.

Ainda, segundo Sáfady (1972; p. 281), os jornais publicados acompanharam o caixeiro-viajante em suas andanças pelo país, “estabelecendo-se como uma espécie de escola circulante”, possibilitando assim o acesso à informação para muitos imigrantes de regiões

⁷ PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*. Rio de Janeiro: Cidade Viva: Instituto Cultural Cidade Viva, 2010.

do interior, não somente sobre os acontecimentos do país de origem, como os apresentados até agora mas também relativos à vida estrangeira em outras regiões do Brasil, algo que motivou uma certa unidade identitária cultural e o conseqüente sentido de pertencimento comunitário étnico árabe/brasileiro/imigrante.

Destarte, é válido destacar que, a partir da segunda década do século XX, os periódicos começam a expressar os diferentes projetos nacionalistas no Oriente Médio Segundo Pinto (2010, as posições simpáticas à tutela da França sobre a Síria e o Líbano encontravam eco no jornal *Al-Hamra* (“A Vermelha”), fundado em 1913. O nacionalismo sírio era expresso no *Suria al-Jadida* (A Nova Síria) e o nacionalismo árabe em *Al-Tasahul* (“A Tolerância), fundado em 1919. Esta intensa relação com os acontecimentos que desenrolavam no Oriente Médio pode ser constada na declaração do intelectual árabe-brasileiro Jorge Chediak, editor-chefe deste jornal:

Fui o primeiro que proclamou *Al-Urubat* (“O Arabismo”), o primeiro a proclamar a formação do Império Árabe, o primeiro que viu a necessidade de aproximação ao Islã e o primeiro que lutou até a morte contra a França.⁸

De acordo com Truzzi, ao final da Primeira Guerra Mundial, os periódicos árabes acompanharam com esperança a expulsão dos turcos, apostando na consolidação do Reino Árabe. Muitos imigrantes pretendiam então retornar ao Líbano e à Síria. Entretanto, “traídos pela França e Inglaterra (...) a decepção foi enorme, com os periódicos mobilizados em denunciar a ‘perfídia ocidental’⁹. Com o tempo, as revistas e os jornais aos poucos se modificaram e passaram a incorporar maior variedade de temas, noticiando fatos da comunidade sírio-libanesa em outras cidades, ao mesmo tempo que tornaram-se bilíngües. Segundo o historiador, “a própria poesia árabe da imigração foi arrefecendo, corroída pela velhice de suas principais figuras, por uma certa desilusão, pela nova geração dos filhos enraizados na nova pátria” e, também, “pela atitude de desconfiança dos governos árabes em relação a essa cultura impura, ocidentalizada, subversiva”¹⁰.

Com o decorrer dos anos, observou-se que a maioria dos jornais e revistas no Brasil funcionaram como veículos de propaganda e relatos do dia-a-dia dos imigrantes sírio e libaneses, de espaços de manutenção da sociabilidade, de cunho político, tais como o Clube Homs e o Clube Sírio-Libanês, em São Paulo, este último hifenizado. Já outros serviram

⁸ SAFADY, 1972, p.291, apud. Paulo Gabriel Hilu da Rocha. *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*. Rio de Janeiro: Cidade Viva: Instituto Cultural Cidade Viva, 2010, p.98.

⁹ TRUZZI, Oswaldo. *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*. Ed. Unesp, 2008, 132.

¹⁰ Ibidem.

como veículos de propaganda e informação numa espécie de marketing de conteúdo étnico. É o caso dos boletins da tipografia *Al-Funun* e da livraria Farah, também em São Paulo, reforçando assim que a rede desta nova cultura árabe na diáspora cada vez mais negociava sua identidade no cotidiano brasileiro. Neste mesmo período, no Rio de Janeiro, então capital da república, em 1937, era fundada a Associação da Imprensa Libanesa¹¹.

Para Lesser, fatores como este servem para elucidar que o papel social de tais veículos pode ser considerado ambíguo, pois, segundo autor, por um lado temos o uso do árabe nas publicações, o destaque à vida associativa e a constante atenção aos acontecimentos políticos do país de origem que contribuem para a manutenção dos laços antes do processo migratórios, de memória, do imaginário; de outro, observamos orientações sobre como se estabelecer no novo ambiente, na nova terra, um estímulo à dinâmica de aculturação. Ainda, afirma o autor, na medida que os imigrantes buscavam seus familiares para ajudar a expandir seus negócios, a nova riqueza contribuiu para o surgimento de novas instituições e organizações comunitárias. E uma das mais importantes destas foi a imprensa em língua árabe, que tinha uma função contraditória, ou seja, “enquanto o uso do árabe ajudava a manter a cultura pré-migratória, os artigos sobre como negociar a vida no novo ambiente (...) contribuía para a aculturação dos imigrantes do Oriente Médio”.¹²

Muitos destes periódicos foram criados em sua maioria por uma classe de trabalhadores liberais ligados às atividades jornalísticas, políticas e literárias antes da imigração. Sanches auxilia nesta reflexão ao observar que tais profissionais eram jovens intelectuais árabes oriundos de renomados centros de estudo, como a Universidade Americana de Beirute e pertenciam a uma classe cultural que se diferenciava dos demais imigrantes que chegaram ao país, “tendendo menos à mascateação e mais a criar jornais e fundar grupos associativos, movimentos literários”¹³.

2. A segunda geração de intelectuais árabe-brasileiros

Com passar dos anos, ao longo do século XX, alguns destes intelectuais eram também jovens da segunda geração da comunidade árabe no Brasil, filhos dos primeiros imigrantes sírio-libaneses que haviam chegado no final do século XIX, que tiveram sua

¹¹ KAHALAB, Roberto. *Mahjar: saga libanesa no Brasil*. Zalka – Líbano: Ed. Mokhart, 2002.

¹² LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Ed Unesp, 2001, p.107.

¹³ SANCHES, Marcela. *Nova Andaluzia: a memória da intelectualidade árabe no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

educação subsidiada pelos pais (já em melhores condições financeiras), e que, mesmo tendo cursado alguma faculdade de profissões liberais, que trariam maior segurança econômica e prestígio social, dentro mesmo da própria colônia, optaram por seguir o caminho literário. Nesta segunda parte do artigo, dividida em subcapítulos, iremos descrever e refletir sobre a trajetória de alguns destes escritores representantes daquilo que chamamos da segunda geração de intelectuais árabe-brasileiros e relação com o conceito de Turãh, por vezes implícitas, nas obras destes escritores.

2.1. Jamil Almansur Haddad

Nascido em São Paulo, capital, em 1914, Jamil Almansur Haddad, é, de acordo com Truzzi “o maior poeta que a colônia forneceu a São Paulo”¹⁴. Haddad, que faleceu em 1988, era filho do comerciante Melhen Haddad e da professora Sada Khouri Haddad que, ao imigrar ao país ao final do século XIX, fundou um jornal feminista voltado à comunidade árabe na cidade.

Segundo a pesquisadora Christina Stephano De Queiroz, Haddad era médico de formação, ou seja possui graduação, (algo muito comum aos escritores da segunda geração para obter ascensão social no Brasil), publicou dez livros de poesia, fez mais de 30 traduções para o português de obras do francês, árabe e inglês, organizou 20 antologias, além de outros ensaios e estudos críticos sobre literatura. Logo, “como metade da obra poética escrita entre 1935 e 1951, Haddad participou ativamente das discussões a respeito dos novos ideais literários formulados para discutir o legado da Semana de Arte Moderna de 1922”¹⁵.

Já com a carreira consolidada, nas décadas seguintes, o intelectual árabe-brasileiro atuou como colaborador de revistas como *Pasquim*, *Diário de Notícias*, *Folha da Manhã*, *O Estado de São Paulo* entre outras. Foi também professor titular de Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo (USP) além de ministrar aulas em faculdades nas capitais Beirute e Damasco.

De acordo com Queiroz, os críticos teóricos tinham dificuldades em compreenderem e classificarem a produção poética de Haddad em relação seja à literatura brasileira seja às suas influências árabes. Ela afirma que, de fato, “existe um aspecto ambivalente” nas obras do escritor, na medida em que, “no âmbito da crítica, seu posicionamento se aproximou de

¹⁴ TRUZZI, Oswaldo. *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*. Ed. Unesp, 2008, p.131.

¹⁵ QUEIROZ, Christina Stephano. Jamil Almansur Haddad: Um poeta à deriva. *Revista Magma*. Universidade de São Paulo. n.13, 2016, p.50.

correntes vanguardistas como os *Noigandres*, enquanto na poesia ele tinha um ideal ortodoxo, pelo menos no que diz respeito às questões formais”¹⁶. No entanto, completa a pesquisadora, tal “aspecto tradicional é contraposto por impulsos de transgressão, quando o poeta versa, por exemplo, sobre o erotismo de beduínas, amantes fantasmagóricas e sobre os hímens das virgens – temas recorrentes em sua poesia”¹⁷.

*Erra, na alcova, um cheiro de almíscar e cânfora...
O meu corpo nívoso
Neste momento, ostenta, o contorno harmonioso,
O contorno magnífico de uma ânfora
(...)
É longa a tua ausência assim como um caminho!
Vem, meu amante, vem! Meu corpo é ânfora,
Meu sangue é vinho,
Erra, na alcova, um cheiro de almíscar e cânfora.
A orgia seja eterna!
Amante vem a mim! É a hora da taberna!*¹⁸

No ano de 1935, o escritor publica, “*Alkamar, a minha amante*”, seu primeiro livro de poemas. Segundo Queiroz, a obra “combina um imaginário orientalista à estética parnasiana e foi chamada, ao mesmo tempo, de passadista e imoral”¹⁹. Em seguida, em 1937, com a publicação do livro *Orações Negras*, premiado pela Academia Brasileira de Letras (ABL), o poeta passa a se valer da liberdade moderna e a demonstrar preocupações políticas e sociais. Já na década de 1940, além de estreitar como crítico e tradutor, Haddad escreveu outros dois livros de poesia, os quais os “imaginários líricos giram em torno dos eixos temáticos criados nas obras inaugurais”²⁰. Logo, em 1948, o poeta passa de vez a se concentrar em temas sociais, com a “imagem da Europa devastada pela Segunda Guerra Mundial e as preocupações com países afetados pelo conflito global”²¹.

*Contam que à meia-noite, ao luar, em Verona
Que o Ádige, sonolento e pensativo, corta
há um vulto de mulher que o túmulo abandona:
Julieta vem chorar mesmo depois de morta.
Contam nas horas mortas que a vaga Veneza*

¹⁶ QUEIROZ, Christina Stephano. Jamil Almansur Hadad: Um poeta à deriva. *Revista Magma*. Universidade de São Paulo. n.13, 2016, p.51.

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ HADDAD, 1948, p.27, apud. QUEIROZ, Christina Stephano. Jamil Almansur Hadad: Um poeta à deriva. *Revista Magma*. Universidade de São Paulo. n.13, 2016, p.55.

¹⁹ QUEIROZ, Christina Stephano. Jamil Almansur Hadad: Um poeta à deriva. *Revista Magma*. Universidade de São Paulo. n.13, 2016, p.53.

²⁰ Ibidem.

²¹ Ibidem.

*Tem seu ar inundado canções doridas...
E o canl cismarento pensa com certeza
Que querem naufragar as gôndolas suicidas...*

*Contam das catedrais, que certo receberam
da angústia e do infortúnio o mais penoso dote,
que nas naveas augustas empalideceram
principiando a reza na hora noturna,
pela Itália sombria, a Itália taciturna,
os santos imortais de Buonarrotti. (...)²²*

Um das questões essenciais para compreender a trajetória intelectual de Haddad é perceber a proximidade que o escritor teve com os outros poetas árabes em São Paulo, que, na década de 1930, entre outras atividades, fundaram a Liga Andaluza de Letras Árabes (al-Usbh alAndalusiyah). Este grupo de escritores, viviam em São Paulo e reunia nomes menos conhecidos, mas igualmente atuantes como os irmãos Fawzi Maluf (1899 -1930) e Chafic Maluf (1905 -1976), Rashid Salim al-Khuri (1887- 1984) e Elias Farhat (1893 -1976).

A Liga Andaluza, segundo Zéghidour, nasceu na época em que o país “conhecia a febre do Modernismo em todos os campos da arte, e é inegável que os árabes que dele participaram tenham sentido a necessidade de transpor, se não a letra, pelo menos o espírito do movimento para a comunidade árabe”²³. Ou seja, tais autores percebiam a tradição, a turâh, como algo circular, nunca estática, mas móvel, o hoje em constante diálogo com o futuro e com o passado.

No entanto, de acordo com Queiroz, apesar de Haddad ter frequentado os círculos desses intelectuais, ele não chega a participar de atividades de produção poética e tradução dos escritores da Liga, que, diferentemente do autor brasileiro, escreviam majoritariamente em árabe. Logo, segundo a pesquisadora, a presença de Haddad entre os circuitos de escritores árabes radicados no Brasil parece aconteceu com mais frequência e de maneira mais intensa após o golpe militar de 1964, quando o escritor “verteu do árabe obras de poetas da Liga da Pena (fundada em 1968), entre elas Brisas do Líbano, de Felipe Lutfalla (1970) e Ausência, de José Fakcoury (1975)”²⁴.

Além disso, outra referência na trajetória de Haddad em relação aos escritores árabes “foi a proximidade que teve a Assis Féres, poeta de origem libanesa e editor da revista *Laiazul*, publicada no Chile e no Brasil, desde meados dos anos 1930 até meados dos anos

²² HADDAD, 1938, p. 91; apud. QUEIROZ, Christina Stephano. Jamil Almansur Hadad: Um poeta à deriva. *Revista Magma*. Universidade de São Paulo. n.13, 2016, p. 52-53.

²³ ZEGHIDOUR, Slimane. *A poesia árabe moderna e o Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

²⁴ QUEIROZ, Christina Stephano. Jamil Almansur Hadad: Um poeta à deriva. *Revista Magma*. Universidade de São Paulo. n.13, 2016, p.60.

1960”. Nesse percurso, também é necessário apontar as contradições dos críticos ao “captarem o viés ‘oriental’ ou ‘árabe da poesia de Haddad”. Um deles, de acordo com Queiroz, foi o escritor José Geraldo Vieira, que, “no posfácio de Poemas (1943), defende a existência de uma lírica oriental em Akmar, a minha amante”. Segundo ela, em contrapartida, Vieira afirma que o segundo livro do poeta, Orações negras, de, 1939, “contém poemas ‘atlânticos ocidentais’”, alegando que Haddad “estreou com um obra de viés oriental, migrando para um imaginário ocidentalizado em seu segundo trabalho”²⁵. No entanto, estas análises eram carregadas de conceitos orientalistas estáticos, ou seja, repletos de pressupostos estereotipados sobre o árabe e sua literatura. Logo, para autora, “oriental ou ocidental, passadista ou imoral, modernista ou neomodernista, poeta da geração de 30 ou da Geração de 45, Haddad parece ter circulado por vários ambientes, sem limitar-se a nenhum deles”²⁶. Em outras palavras, Jamil Almansur Haddad foi de fato o primeiro grande poeta árabe-brasileiro, hifenizado, demasiadamente brasileiro, pois extrapolava os limites literários e não se prendia aos conceitos estabelecidos, a própria língua e até mesmo àqueles referentes à sua própria etnia e nacionalidades, quando, por exemplo, permite-se chorar pelas mortes na Itália na Segunda Guerra. Haddad talvez foi assim um poeta da diáspora árabe em sua essência, emigrado em seu próprio país, apátrida, o ser contemporâneo, por vezes deslocado, que percebe suas raízes em movimento, que nos remete à turãh, ao aderir ao tempo e ao, e, ao mesmo tempo, dele, tomar distância e criar sua obra entre mundos diversos, a tradição em movimento.

2.2. Musa Kureim

Nascido em São Paulo, filho de imigrantes libaneses, Mussa Kuraiem se tornaria um dos intelectuais, ligado aos movimentos modernistas árabe e brasileiro, mais ativo do período. Além de ter fundado e dirigido uma das mais importantes revistas árabe-brasileira, O Oriente, na primeira metade do século XX, o escritor realizou diversas exposições no Oriente Médio, entre elas a conferência na Academia de Letras de Damasco, e no Centro Oriental do Cairo.

Kuraiem publicou inúmeros livros, tanto em língua árabe, quanto em português, que abordam sobre a história, a religião, a literatura, a psicologia e a cultura das sociedades

²⁵ Ibidem.

²⁶ QUEIROZ, Christina Stephano. Jamil Almansur Hadad: Um poeta à deriva. *Revista Magma*. Universidade de São Paulo. n.13, 2016, p.62.

árabes. Entre estas obras estão: *Aconteceu em Damasco*, de 1945, na qual realiza um estudo original sobre o Líbano, a Síria e o Egito; *Cristãos e Muçulmanos*, de 1962, livro no qual apresenta diversos exemplos, tanto da literatura quanto históricos, que demonstram a afinidade existente entre o cristianismo e o islamismo, ou seja, as semelhanças entre as duas religiões, que, segundo o autor, for, por vezes, esquecidas, para dar lugar às divergências; *Poemas de Gibran*, e *Assim falava Gibran*, em 1943 e 1960, respectivamente, antologias sobre o maior representante da literatura mahjar no mundo, Khalil Gibran; e por fim, *Os Califas de Bagdá: episódios curiosos da história secular dos povos árabes*, de 1942, livro sobre a psicologia e a cultura do mundo árabe e *Leis do Deserto*, em 1960, obra na qual o escritor árabe-brasileiro organiza um capítulo para sugerir, baseado em pesquisa de outros autores, ter sido os árabes os primeiros a entrar em contato com o continente americano, quase quatro séculos antes da invasão comandada por Cristóvão Colombo²⁷.

Tal temática era algo muito presente nessa época não somente entre os escritores árabe-brasileiros. De acordo com Lesser, por exemplo, o intelectual brasileiro Teófilo Braga, ao publicar a obra *A pátria portuguesa: o território e a raça*, buscava reformular uma teoria portuguesa centrada nos moçárabes ‘*musta rabun*’ (cristãos que adotavam vestimentas mulçumanas e falavam árabe em al-Andaluz. Para Braga, segundo Lesser, os moçárabes eram uma raça “singularmente ibérica, saída da miscigenação entre a população romano-gótica, natural da região, e os árabes, que adotaram a Espanha como pátria”²⁸. Além disso, o autor afirma que o elo árabe-português-moçárabe-tupi-brasileiro lançou também profundas raízes nos brasileiros cultos. No século XX, os que voltavam os olhos para Portugal, como Gilberto Freyre e Luís Câmara Cascudo, procuravam traços da presença moura em suas identidades lusificadas.

Nesse sentido, nos lembra Pinto, embora o orientalismo centrado em representações negativas sobre os árabes fosse bastante intenso no Brasil em tal época, “os pensadores sociais brasileiros do início do século XX, como Gilberto Freyre e Luís Câmara Cascudo, incorporaram os árabes como parte da herança cultural lusitana que valorizavam em suas explicações do Brasil”²⁹. Aqui, de certa forma, podemos perceber também que o

²⁷ KURAIEM, 1960, p. 51, apud VILLAR, Valter Luciano Gonçalves. *Os árabes e nós: a presença árabe na literatura brasileira*. Tese. (Doutorado em Letras), Universidade Federal da Paraíba, 2012, p. 50.

²⁸ LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Ed Unesp, 2001, p.90.

²⁹ PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*. Rio de Janeiro: Cidade Viva: Instituto Cultural Cidade Viva, 2010.

conceito de turãh pode ser aplicado para explicar esta relação com a herança de um passado vivo, mesmo que distante, mas ainda presente.

De fato, o chamado orientalismo brasileiro, produziu até mesmo variantes regionalistas, como a leitura do escritor gaúcho Manoelito Ornellas (1903-1969) fez das teses de Gilberto Freyre (1900-1987), estabelecendo uma conexão cultural entre o Rio Grande do Sul e os árabes do Norte da África no seu livro *Gaúchos e beduíno*, de 1948. A liberdade criativa e o sentido de integração entre as culturas foram levados tão ao pé da letra que foram criadas obras que mesclavam termos indígenas (tupi-guri), africanos e o próprio árabe, como no livro *As aventuras de finianos*, de Chuckri Al Khouri. No entanto, a esfera política, na primeira metade do século XX, andava, por vezes, na contramão nesse sentimento de hibridismo cultural que pairava entre os movimentos artísticos e literários pois entre os anos de 1937 e 1945, o então presidente Getúlio Vargas visava a homogeneidade nacional.

2.3. Antun Sa’adih

Outro nome de destaque entre os escritores sírio-libaneses é Antun Sa’adih. Este autor serve também como exemplo emblemático da reconstrução da identidade árabe-brasileira. Lesser conta que, depois da “Grande Revolta”, que se deu na Síria contra o mandato francês, este escritor fundou, aqui no Brasil, as sociedades semisecretas, incluindo a Associação Patriótica Síria, que teve vida curta, e o Partido Sírio Livre, que perdurou por mais tempo, ou seja, a turah novamente presente na trajetória de um escritor migrante árabe, uma herança viva e muito presente do passado mesmo em terras distantes, como o Brasil.

Nesse mesmo período, Sa’adih lecionava língua e literatura árabe na Escola Sírio-Brasileira, em São Paulo, e passou a “aprofundar a definição da ideia de uma nação síria, em termos étnicos e espaciais”. No final da década de 1920, Sa’adih retornou ao Oriente Médio e, “em 1932, na clandestinidade, fundou o Partido Social Nacionalista Sírio (PSNS), formalizando-o publicamente dois anos depois, com uma reedição do *Al-Majallah*”³⁰. Enquanto isso, no Brasil, “outros imigrantes árabes começaram a organizar seções do PSNS” e, em 1938, Sa’adih retornou ao Brasil e à Argentina “para encontrar-se com os que agora se auto definiam como sírios, e para levantar fundos juntos a eles³¹”. Aqui, o escritor e ativista

³⁰ LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Ed Unesp, 2001, p.114.

³¹Ibidem.

político fundou o Souria al-Jadida (A Nova Síria), jornal que mais tarde foi proibido por Vargas. Esse fato fez com que Vargas o mantivesse detido por dois meses, sob acusação de ser um agente estrangeiro, e, em 1939, ele partiu para Argentina, onde permaneceu até o seu retorno à Síria, em 1947. Dois anos mais tarde, Sa'adhi foi assassinado em Damasco.

2.4. Emil Farhat

Filho de imigrantes libaneses, Emil Farhat (1914 -2000) nasceu na cidade de Maripá de Minas, zona da Mata do estado de Minas Gerais. Jornalista, publicitário e escritor, Farhat, assim como outros intelectuais da segunda geração, graduou-se em Direito, mas nunca exerceu a profissão.

Farhat viveu boa parte de sua vida entre o Rio de Janeiro e São Paulo, onde trabalhou como jornalista e publicitário em ambas as cidades. Em 1967, recebeu o título de Publicitário do Ano da Associação Paulista de Propaganda. Mais de vinte anos depois, em 1988, ao retomar à vida literária, ganha o Prêmio Jabuti - considerado por muitos críticos literários como a mais importante premiação literária brasileira - na categoria de melhor romance, pela obra, publicada no ano anterior, intitulada *Dinheiro na estrada: uma saga de imigrantes*. O livro mescla ficção e relatos autobiográficos, inspirada nas correspondências entre o escritor e sua mãe no Líbano. Segundo Pinto, Farhat retratou a importância das cartas como forma de manter as relações com o mundo árabe e estimular os novos projetos de emigração para o Brasil.

Meu Deus! Só peço a Deus para que não me deixe sentir o tempo. Para mim, vocês saíram anteontem. Anteontem. Às vezes consigo ver claramente a cara de todos. Um por um. Iskandar, com o bigodão, só para esconder aquela cara de menino assustado [...] Ziad recitando versos repentistas para um desafiante que sempre perdia. E para uma platéia que só o aplaudia. Nazira amedrontada, vai-não-vai, querendo ir, só eu sabia porquê. Para se casar. E casou? Mas como é que você não me disse nada antes? Não abuse dessa desculpa. Estou ficando surda, mas não para ouvir as notícias de meus filhos. Notícia de filho, a gente ouve antes mesmo das bocas se abrirem. E você, o orgulhoso, o emproado, o briguento Tauil? “Vou lá no Brasil e trago todos, pelo cangote”. Trouxe quem? Trouxe nada. Perdeu-se no mesmo atoleiro. Você ainda nos deixou esta casa. Agarro-me nela, nos balaústres, nos portais; seguro cada pedaço que caiba na minha mão. E chamo todas essas coisas por um nome só – Tauil. Tauil. Tauil³²

³² FARHAT, Emil. *Dinheiro na estrada: uma saga de imigrantes*. São Paulo; T. A. Queiroz, 1986, p. 73.

No trecho acima, observamos o eterno vínculo com a terra natal e o sentimento de melancolia de quem ficou no Líbano, a turah transformada em narrativa literária. Nesse sentido, Sayad nos auxilia ao sugerir que o estado de migração nunca termina, é condição permanente, composta pela dualidade da presença, a própria turah. Ou seja, ao ocupar um novo lugar, o imigrante/emigrante deixará outro vazio e se tornará, “atopo, sem lugar, deslocado, inclassificável [...] nem cidadão, nem estrangeiro, nem totalmente do lado do Mesmo, nem totalmente do lado do Outro”.³³

2.5. George Bourdoukan

Filho de um ativista político de esquerda, que lutou contra os nazistas na Segunda Guerra e conta a ocupação francesa no Líbano, Georges Latif Bourdoukan nasceu em Miniara-Akkar, região setentrional do Líbano, no ano de 1943. Dez anos depois, ele migrou para o Brasil. O pai, exilado, já estava vivendo aqui há alguns anos. Desde muito jovem, o escritor estava envolvido nas atividades políticas, tendo atuado como um dos dirigentes da União Paulista dos Estudantes Secundaristas. Logo em seguida, iniciou a carreira como jornalista. Trabalhou em diversos veículos, como o jornal Última Hora, na Revista Placar, TV Cultura e Rede Globo de Televisão.

Assim como ressalta Villar devido à “independência de suas reportagens, Bourdoukan logo se viu impedido de divulgar suas matérias, o que lhe ocasionou sérios desconfortos profissionais nesta emissora”³⁴. Com isso, o autor decide fundar o Jornal de Jerusalém, “dedicado aos assuntos do Oriente Médio, no qual recebera diversas distinções, entre elas, o Prêmio Vladimir Herzog de Direitos Humanos”. Em 1984, passa a editar e produzir outras duas publicações, a “Revista Palestina, órgão oficial da Organização para a Libertação da Palestina - OLP no Brasil - e a Revista dos Estados Árabes”. Ainda, no campo político, Bourdoukan torna-se secretário executivo da Liga Parlamentar de Amizade e Cooperação Árabe-Brasileira.

Como jornalista, Bourdoukan foi correspondente na guerra entre Israel e Egito e, na Guerra Civil do Líbano - ambas relatadas no segundo capítulo da tese. Cobriu ainda o massacre das aldeias de Sabra e Chatila, ocasião em que foram mortos mais de cinco mil

³³ SAYAD, Abmalek. *Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. São Paulo, EDUSP, 1998. SECRETARIA NACIONAL DE JUSTIÇA. Refúgio em Números. 3ª. Edição. Brasília, 2018.

³⁴ VILLAR, Valter Luciano Gonçalves. *Os árabes e nós: a presença árabe na literatura brasileira*. Tese. (Doutorado em Letras), Universidade Federal da Paraíba, 2012, p.205.

palestinos, entre eles crianças, mulheres e idosos, fato ainda muito presente na memória dos intelectuais árabes que vivem no Brasil.

A partir de toda essa experiência, de acordo com Villar, destacam-se a publicação de textos jornalísticos, além, das quatro obras literárias que compõem o seu acervo antológico. Ainda segundo o pesquisador, esses livros tratam, de “restabelecer alguns fatos desconhecidos do público brasileiro, entre eles, as conquistas árabes no campo da medicina, da música, da filosofia e os reais motivos que explicam o surgimento e o desenvolvimento da guerra civil libanesa”³⁵. Entre estas obras está “A incrível e fascinante história do Capitão Mouro”, publicada originalmente no ano de 1997, que inspirou o samba enredo Um mouro no quilombo: isto a história registra, do Grêmio Recreativo Escola de Samba (G.R.E.S.) Escola Paraíso do Tuiuti no carnaval carioca de 2001. Ainda, de acordo com Villar, sobre este livro, torna-se evidente o quanto a ficção mistura-se a tentativa de registrar fatos históricos.

Além desse livro, o escritor publicou também, em 1999, O peregrino, obra que tem como objetivo recontar e dar novos significados a alguns mitos sobre o continente americano, em especial, o mito do descobrimento, prática também muito comum entre os intelectuais árabe-brasileiros da segunda geração, como Mussa Kuraiem.

Ainda hoje, as enciclopédias mencionam que uma das origens da palavra Brasil é fenícia. E os Celtas se referiam aos fenícios, ainda no século VI a.C., como o povo vermelho... – Sim – respondeu o professor – Povo vermelho e deram-lhe esse apelido porque os fenícios praticamente monopolizavam o comércio do corante vermelho. Os documentos celtas dizem que os fenícios teriam desaparecidos nas brumas do Atlântico. [...] “um povo mítico e afortunado que foi viver feliz na misteriosa e paradisíaca ilha do...Brasil”. – E os libaneses sabem disso.³⁶

A terceira obra publicada pelo escritor, intitulada Vozes do Deserto, em 2002, é provavelmente aquela que mais se aproxima da aplicação do conceito de turah, na qual o passado é mais que nostalgia, é presença viva na memória, fonte criativa de inspiração para o autor. Segundo Villar, “carregada de um lirismo transcendental que implica, ao leitor, um conhecimento sobre as ‘Leis do Deserto’, no sentido daquelas anunciadas por Mussa Kuraiem, em sua obra homônima”³⁷, mas que também mesclam elementos filosóficos e religiosos da cultura ocidental, características muito presentes nos escritores da Nahda

³⁵Ibidem.

³⁶ BOURDOUKAN, 1999, p. 78, apud VILLAR, Valter Luciano Gonçalves. *Os árabes e nós: a presença árabe na literatura brasileira*. Tese. (Doutorado em Letras), Universidade Federal da Paraíba, 2012, p.211.

³⁷ VILLAR, Valter Luciano Gonçalves. *Os árabes e nós: a presença árabe na literatura brasileira*. Tese. (Doutorado em Letras), Universidade Federal da Paraíba, 2012, p.212.

desde a metade do século XIX, no Egito que também percebiam a tradição em pleno movimento. Tamanha é potência desta obra é fato de ela influenciar diretamente trabalho artístico do músico árabe-brasileiro contemporâneo Sami Bordoukan, que transforma poesia em notas musicais através do alaúde.

Já o quarto livro publicado em 2003 e intitulado *O Apocalipse*, de cunho teatral, retoma, agora com mais rigor, toda a trajetória política do autor, que hoje vive na cidade de Santos, São Paulo. Essa obra, segundo Villar, seria a “segunda do gênero dramático, na história da literatura brasileira, a se inteirar totalmente de personagens do mundo árabe, tal qual realizou, há quase dois séculos, Gonçalves Dias”³⁸. Assim, segundo ele, “veremos, a exemplo da obra do poeta indianista, o autor transplantar, para o campo das artes, um assunto histórico referente ao mundo árabe, que foi a Guerra Civil Libanesa”. De qualquer forma, o fato é que nenhuma outra obra na literatura brasileira foi capaz de retratar de forma tão complexa este período da história do Líbano. Ainda, para Villar, a intenção da obra provavelmente tenha sido explicar para o público em geral “aquilo que os livros de história têm dificuldade de se fazer entender, que é a maneira pela qual os países envolvidos, os exércitos, os partidos políticos, as falanges, os grupos armados e os indivíduos se relacionavam”, tanto como “inimigos militares, políticos e ideológicos, seja como aliados históricos, ocasionais ou interessados”³⁹. Tal predicado na obra de Bourdoka pode também ser lido como a tradução daquilo que chamamos de comunicação contra-hegemônica dos intelectuais árabe-brasileiros, em um confronto sutil, mas direto com a grande e massiva produção por parte das mídias hegemônicas ocidentais.

2.6. Milton Hatoum

Hatoum é, sem dúvida, o autor contemporâneo que teve maior reconhecimento entre os escritores árabe-brasileiros, tanto pelo grande público quanto pela crítica literária especializada. O escritor tem cinco livros publicados até hoje. São eles: *Relato de um certo Oriente* (1989); *Dois Irmãos* (1990); *Cinzas do Norte* (2005); *Órfãos do Eldorado* (2008); e *A Noite da Espera* (2017), primeiro de uma trilogia intitulada *O lugar mais sombrio*. Todos os livros foram traduzidos para outros idiomas, premiados pela crítica especializada, sendo os três primeiros vencedores do Prêmio Jabuti.

³⁸ Ibidem.

³⁹ VILLAR, Valter Luciano Gonçalves. *Os árabes e nós: a presença árabe na literatura brasileira*. Tese. (Doutorado em Letras), Universidade Federal da Paraíba, 2012, p.215

Filho de imigrantes libaneses, Hatoum nasceu em 1952, na cidade de Manaus. Ainda jovem, mudou-se para São Paulo para cursar Arquitetura e Urbanismo na Universidade de São Paulo (USP). Logo em seguida, o escritor foi viver na Espanha e na França, onde fez pós-graduação na Universidade de Paris III, retornando a Manaus anos mais tarde, para lecionar Língua e Literatura Francesa na Universidade Federal do Amazonas. Foi nesta época, em 1989, que Hatoum escreveu seu primeiro livro, intitulado *Relato de um certo Oriente*. Onze anos depois o escritor lançaria a obra *Dois Irmãos*. Ambas as obras tratam da temática dos imigrantes árabes da região Norte do país, motivo pelo qual nos deteremos a analisar e apresentar somente estes dois livros, com objetivo de compreender a relação do autor com a temática migratória árabe.

De fato, Hatoum organiza a narrativa de seu primeiro livro a partir de duas grandes narrativas históricas, a dos imigrantes árabes no Brasil e a da própria cidade de Manaus, mesclando ambas, colocando-as intimamente associadas, além de testemunhar as mudanças que ocorreram na vida dos habitantes locais e no desenho urbanístico, por vezes precário, da cidade, a partir do olhar migrante. Logo, o autor recorre tanto aos registros históricos, referentes também à Grande Síria, quanto às experiências pessoais relatadas por seus familiares. Aqui, a *turah* se presente de forma clara na obra do autor, a tradição recontada, resignificada, a começar pelas longas viagens de navio, as paradas nos distintos portos e o desembarque no novo mundo, assim descrito pelo escritor, nas páginas de seu primeiro romance:

a viagem terminou num lugar que seria exagero chamar de cidade. Por convenção ou comodidade, seus habitantes teimavam em situá-lo no Brasil; ali nos confins da Amazônia, três ou quatro países ainda insistem em nomear fronteiras um horizonte infinito de árvores; naquele lugar nebuloso e desconhecido para quase todos os brasileiros, um tio meu, Hanna, combateu pelo Brasão da República Brasileira; alcançou a patente de coronel das Forças Armadas, embora no Monte Líbano se dedicasse à criação de carneiros e ao comércio de frutas nas cidades litorâneas do sul, nunca soubemos o porquê de sua vinda ao Brasil, mas quando líamos suas cartas, que demoravam a chegar às nossas mãos, ficávamos estarecidos e maravilhados⁴⁰

Já na obra *Dois irmãos*, de acordo Villar, além de combinar estes elementos citados acima, “acentuam-se críticas à religiosidade”, por meio da personagem cristã maronita Zana,

⁴⁰ HATOUM, M. *Relato de Um certo Oriente*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2014, p. 64.

e “à caridade das freiras do orfanato, envolvidas numa relação de benefícios”⁴¹, que Hatoum classificaria ironicamente como “um novo modelo de comércio humano”. Ainda segundo o pesquisador, enquanto a religião das mulheres árabes é criticada, “observamos que, no desenho da religiosidade muçulmana, inexistem qualquer traço de censura ou considerações maiores”⁴². Algo que parece indicar uma simpatia do escritor ao refletir certas particularidades históricas que caracterizam esses imigrantes, principalmente algumas subjetividades da tradição muçulmana. Ainda de acordo com Villar, podemos observar que Hatoum “reveste seus personagens muçulmanos com caracteres que os distanciam dos arrebatamentos religiosos, dos sentimentos de ódio [...], de paixões sectárias, constantemente propagadas pela mídia ocidental e por seus agentes culturais”⁴³. Há, desta forma, uma opção ideológica bastante nítida de apagar, de seus personagens árabes masculinos, qualquer traço que corresponda aos clichês culturais postos em circulação no Ocidente, algo que reafirma, ao nosso ver, a posição contra hegemônica do autor na questão da desconstrução de estereótipos sobre o imigrante árabe-muçulmano.

Neste sentido, para Said, muitos escritores pós-coloniais, como Hatoum, carregam dentro de si o passado de seus descendentes, como cicatrizes de feridas, como estímulo para diferentes práticas, “como visões potencialmente revistas do passado tendendo a um novo futuro, como experiências a ser urgentemente reinterpretadas e representadas, em que o nativo, outrora calado, fala e age em territórios recuperados”⁴⁴. Logo, é possível concluir que, em ambas as obras, os argumentos literários do escritor se apoiam na ideia de um encontro harmonioso entre os árabes e os habitantes locais, mesmo apesar da crítica implícita aos comportamentos das matriarcas libanesas.

Nesta acepção, talvez uma das maiores riquezas da obra Hatoum seja justamente não se resumir a arabismos pueris e levianos ao se permitir criticar e tocar em algumas feridas da própria cultura árabe através de seus personagens, de carne e osso, humanos. A tradição confrontada, deslocada, mas sem perder a essência crítica. Em outras palavras, Hatoum delinea os personagens imigrantes árabes com tamanha sutileza e crítica, que o leitor pouco percebe o seu estatuto de imigrante. Através da literatura, Hatoum transcende a própria percepção social do imigrante como outro. O escritor vive atualmente em São

⁴¹ VILLAR, Valter Luciano Gonçalves. *Os árabes e nós: a presença árabe na literatura brasileira*. Tese. (Doutorado em Letras), Universidade Federal da Paraíba, 2012, p.186.

⁴² *Ibidem*

⁴³ *Ibidem*.

⁴⁴ SAID, Edward. W. *O orientalismo*. O oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013, p.72.

Paulo, onde participa ativamente de atividades ligadas à comunidade árabe na cidade e mantém a turah em movimento.

Considerações finais

Para o filósofo tcheco, naturalizado brasileiro, Vilém Flusser, o “homem é um ente essencialmente perdido e, quando se dá conta, procura encontrar-se”⁴⁵. Em outras palavras, quando nos deparamos com o vazio, com o desconhecido, procuramos, de todas as formas, darmos sentido à nossa existência, com novos significados e ações. Ao refletirmos sobre algumas das mais importantes produções intelectuais dos imigrantes árabes ao longo do século XX, percebemos que os imigrantes árabes no Brasil, ao chegarem aqui, perceberam que estavam perdidos, que deveriam reinventar suas próprias identidades culturais.

E foi justamente nos jornais impressos, na literatura, na arte, e, atualmente, nas mídias digitais, que estes indivíduos encontram seu melhor refúgio e expressão.

Uma das principais características da produção destes intelectuais foi a de reiterar e reafirmar as questões políticas em ambos os territórios, principalmente as de cunho arabista. Mesmo em um país estrangeiro, os escritores imigrantes que aqui viviam estavam sempre conectados com o que estava acontecendo no Oriente Médio, mas também vinculados ao Brasil.

Neste sentido, através dos escritores aqui analisados, percebemos uma intensa conexão com o passado, com a tradição, mas não uma tradição estática, dura, instrumentalizada. A turãh, de fato, é protagonista nos trabalhos desses artistas, por vezes percebida claramente, através de contos ou poemas analisados, ou de maneira implícita, assim exposta aqui neste artigo. A partir desta percepção, podemos compreender que intelectual árabe-brasileiro também busca desconstruir certas fronteiras e estigmas. Na arte, os limites geopolíticos são impostos pelos próprios artistas, ainda que eles pertençam à determinada etnia ou cultura. Ao reler as narrativas do passado e perceber este eterno fluxo do tempo, a tradição não estática, esses escritores contribuem sobremaneira para a formação da cultura brasileira, que é também permeada pela turah. Ou seja, o passado presente em um futuro em construção.

Ainda, é necessário afirmar que o imigrante árabe no Brasil tanto reconstrói e redefine sua própria identidade cultural, como também modifica e tenciona a própria identidade brasileira, que estava sendo construída na primeira metade do século passado e

⁴⁵ FLUSSER, Vilém. *Fenomenologia do brasileiro*: em busca de um novo homem. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998, p.2.

que, até hoje, é negociada e transformada, em constante mutação. Através da produção intelectual analisada, esse novo estrangeiro se contrapôs às condições e rótulos previamente colocados a ele, recriando histórias e escrevendo as próprias linhas em um novo mundo possível, mesmo que utopicamente.

Recebido em 06 de maio de 2020
Aceito em 01 de fevereiro de 2021